



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - CCHS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA – DEFIL / FACULDADE DE FILOSOFIA

PLANO DE ENSINO

CURSO: Filosofia	DEPARTAMENTO: Filosofia	DISCIPLINA: Filosofia Contemporânea
DOCENTE: Rodrigo Ribeiro	PRÉ-REQUISITOS: Filosofia Antiga	CÓDIGO: HFI-0048
CARGA HORÁRIA: 60h	CRÉDITOS: 4	PERÍODO: 5º
EMENTA: Questões fundamentais do pensamento contemporâneo: linguagem, ciência, práxis, comunicação, razão, valores, arte. Principais correntes de pensamento: filosofia analítica, pragmatismo, racionalismo crítico, teoria crítica, fenomenologia, hermenêutica, marxismo, existencialismo e pós-estruturalismo.		
OBJETIVOS: A questão central a ser discutida ao longo do curso pode ser formulada nos termos das seguintes indagações de Agamben: “De quem e do que somos contemporâneos? E, antes de tudo, o que significa ser contemporâneo?”. Trata-se de analisar de que modo, desde a segunda metade do século XIX, com Nietzsche e Marx, em meio ao contexto de crise da tradição, o caso da metafísica e crítica do moderno futurismo utópico, alguns pensadores contemporâneos fundamentais (Arendt, Foucault, Benjamin, Heidegger e Agamben) compreenderam a filosofia não como uma doutrina, um saber que se acumula ou um conhecimento que enuncia a verdade válida para todos os tempos, mas um pensamento crítico e desconstrutivo sobre o seu próprio presente, inserindo-o em uma relação singular com o passado e o futuro. Apesar dos posicionamentos e diagnósticos distintos, pretende-se analisar como tais pensadores estabelecem, na forma de suas reflexões, um vínculo original entre pensamento, história e atualidade. É o que faz Heidegger quando interroga: “o que é e como se determina, na presente época do mundo, a questão (<i>Sache</i>) do pensamento?”, evidenciando que o <i>Ser</i> apela e se <i>apresenta</i> ao pensamento sempre <i>na</i> e <i>como</i> destinação histórica, configurando, em uma época, a sua tarefa filosófica particular. É o que empreende Foucault ao fazer do legado crítico iluminista uma “genealogia do presente” ou uma “ontologia histórica de nós mesmos” que busca dizer “aquilo que nós somos hoje, e o que é que agora significa dizer aquilo que nós dizemos”. Buscando compreender a terrível novidade do totalitarismo, Arendt considerou que “somos contemporâneos somente até o ponto em que chega a nossa compreensão”, isto é, somente até o ponto em que o pensamento põe o presente em uma relação de apropriação crítica com um passado inexplorado e um futuro aberto para as possibilidades de renovação das significações e possibilidades de agir e pensar de <i>outro</i> modo. É na ruptura messiânico-revolucionária do <i>agora</i> (<i>Jetztzeit</i>), como ensina Benjamin, que se explode o <i>continuum</i> da história, redimindo-o da conexão causal com um passado determinado e da transição inexorável a um futuro determinista. Assim, veremos que interrogar pelo <i>contemporâneo</i> significa historicizar o presente e romper com o “presentismo” (Hartog) vigente, sua aceleração niilista da história como “mobilização infinita”, sua “destruição da experiência” (Benjamin), seu “abandono do Ser” mediante planificação tecnológica dos entes (Heidegger), sua atrofia da esfera política (Arendt) pela governamentalização do biopoder (Foucault, Agamben). Fazer da filosofia uma tarefa de compreensão crítica do que <i>hoje</i> somos e não somos, fazemos e não fazemos, pensamos e não pensamos aponta para toda uma direção do pensamento contemporâneo, resultante da crescente incapacidade do homem atual de pertencer ao seu próprio tempo, de herdar e questionar no espírito o processo de constituição de sua própria história.		
METODOLOGIA: Serão utilizados textos relevantes para a compreensão do tema e dos posicionamentos teóricos com o auxílio de bibliografia complementar. As aulas consistirão em exposições dialogadas, estimulando a participação discente nas leituras comentadas, sendo possível a organização de seminários sobre os textos estudados e a retomada dos pontos principais da aula anterior. Nos seminários de estudo e discussão, um grupo de alunos apresenta a sua compreensão do texto, uma síntese de um dos textos, de trechos de um texto estudado ou de um texto complementar de um intérprete, dialogando com o professor e com a turma, explicitando e registrando elementos como: a posição do problema, a tese e sua fundamentação, a estrutura dos argumentos apresentados no texto, as partes mais difíceis do texto, dúvidas, questões dissertativas a serem respondidas pela turma. Os seminários pretendem estimular, aprimorar e avaliar a capacidade de análise de textos e conceitos, a iniciativa e a responsabilidade pela própria aprendizagem, a interação participativa durante as aulas, a compreensão de posições filosóficas a partir de problemas ou como <i>resposta</i> a um problema e a síntese conceitual dos aspectos essenciais de cada texto, situando-os no propósito do curso. O professor estará sempre disponível para o agendamento de horário extra para tratar de dificuldades e dúvidas ao longo do curso.		
AValiação: Assiduidade mínima de 75%. Para a aprovação direta (média final igual ou superior a 7,0), serão realizadas duas avaliações (cada uma com uma parte dissertativa e uma parte em atividades de participação). A média aritmética igual ou superior a 4,0 e inferior a 7,0 permite a realização de uma Prova Final, com aprovação em caso de média igual ou superior a 5,0.		

BIBLIOGRAFIA PRINCIPAL:

- AGAMBEN, G. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- _____. *Infância e História: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- ARENDT, H. "A tradição e a época moderna". Em: *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- _____. "Onde estamos quando pensamos?". Em: "O Pensar", vol. 1, *A vida do espírito – O pensar, o querer, o julgar*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.
- BENJAMIN, W. *Magia e técnica; arte e política*. Obras escolhidas, vol I. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- FOUCAULT, Michel. "O que são as luzes?". Em: *Ditos e escritos*, v. II: Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- _____. "O que é crítica?" [Crítica e *Aufklärung*]. Disponível em: <http://vsites.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/critica.pdf>.
- HEIDEGGER, M. *Ensaio e Conferências*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- _____. *Caminhos de Floresta*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.
- _____. *Nietzsche II*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- _____. "O despertar de uma tonalidade afetiva fundamental de nosso filosofar". Em: *Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude e solidão*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

BIBLIOGRAFIA AUXILIAR:

- ADVERSE, H. O que é "ontologia do presente"? Em: Revista *nuntius antiquus*. Belo Horizonte, n. 6, dez. 2010.
- DUARTE, A. *Vidas em Risco: crítica do presente em Heidegger, Arendt e Foucault*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- DUBOIS, Christian. *Heidegger: Introdução a uma leitura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- GAGNEBIN, J. M. *História e Narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- GIACIOIA Junior, O. "Tempo e acontecimento". Em: NOVAES, A. (Org.) *Mutações: o futuro não mais o que era*. São Paulo: Edições SESC, 2013.
- HARTOG, F. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- LEOPOLDO E SILVA, F. "Descontrole do tempo histórico e banalização da experiência". Em: NOVAES, A. (Org.) *Mutações*. Rio de Janeiro: Ed. Agir, 2008.
- LÖWY, Michel. "A filosofia da história de Walter Benjamin". Em: *Estudos Avançados*, 16 (45), 2002.
- NIETZSCHE, F. *Segunda Consideração Intempestiva*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2003.
- MATOS, Olgária. *O mal estar na contemporaneidade: performance e tempo*. Em: Revista do Serviço Público. Brasília, 59 (4): 455-468, Out/Dez, 2008.
- _____. *Dialética na imobilidade: da mens momentanea à imobilidade do instante*. Em: NOVAES, A. (Org.) *Mutações: o futuro não mais o que era*. São Paulo: Edições SESC, 2013.
- MURICY, K. "O heroísmo do presente": Em: *Tempo Social*; Rev. Sociol. USP, 7(1-2): 31-44, outubro de 1995.
- TERRA, Ricardo. "Foucault, leitor de Kant: da antropologia à ontologia do presente". In: *Passagens: estudos sobre a filosofia de Kant*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2003.
- VOLPI, F. "Niilismo, Pos-histoire, Fim da História". In: *O Niilismo*. Rio de Janeiro: Loyola, 1999.
- ZARADER, Marlene. "A leitura heideggeriana da história: a clivagem". Em: *A dívida impensada: Heidegger e a herança hebraica*. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.
- _____. *Heidegger e as palavras da origem*. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.